



Chrys Chrystello*

Memórias de Páscoas Quinta da Bendada e Sendim da Ribeira (Parte 2)

A Quinta da Bendada foi herdada pela viúva do primo médico do De Soto, esteve abandonada, foi alugada a um ator de telenovelas (Tó Zé Martinho), e mais tarde incorporada na de Zacarias. Hoje nem há vestígios ou ruínas das casas nas imagens de drones. Gostava de ter uma máquina do tempo e regressar a essas memórias. Os relógios haviam parado e o tempo parecia eterno, deixava-me embalar nele e vogava ao sabor da cavalgada. Atravessavam-se rios e ribeiros, escalavam-se montes a perder de vista sem sinal de gente. As aldeias, poucas e afastadas por picadas e trilhos onde não se aventuravam veículos.

Depois, ao entardecer vinha contar as proezas das cavalgadas, dar um último olhar às estrelas infundas para o dormir dos santos e justos. Ao domingo fazíamos o percurso lentamente, com a prima e tia sentadas em cima da albarda dos jumentos, de pernas à banda como era costume das mulheres, rumo à igreja mais próxima, no Sendim da Ribeira. Na época as aldeias tinham gente e os padres iam, domingo após domingo para o evento da semana, quando se juntavam as pessoas, nos fatos domingueiros, já puídos muitos deles até ao fio, herdados do casamento, que na vida do campo só se botava fato para ir à Repartição ou à missa. Quando os padres não residiam na aldeia (por terem várias na jurisdição e nem em todas tinham casa à ordem) faziam o circuito das aldeias e celebravam missa após missa, aldeia após aldeia, burro após burro, por entre a canícula de inverno e as neves de inverno. Guardo memória visual de sítios e gente que nunca mais vi. Quando entre 2002-05 percorri tais caminhos descobri estradas novas onde dantes havia trilhos e picadas, perdendo a imagem misteriosa e mística da juventude. Desilusão enorme.

Sendim da Ribeira, freguesia, anexa de Sardão, das mais antigas. O nome parece visigótico e existe um topónimo “castelo”, associado a um castro, cujos vestígios são difíceis de identificar, ocupado por olivais, cujo azeite, é dos melhores, graças ao clima ameno do vale da ribeira de Zacarias. A igreja seiscentista foi profundamente remodelada no séc. XX (1972). Em 2006 tinha 128 habitantes, 92 em 2011. A freguesia foi extinta em 2013, agregada à de Parada. *O Sendim da Ribeira fica num buraco, no fundo dum vale, e em volta para sul: Sardão, Sto Antão da Barca, Ferradosa, para leste Parada, Vilar Chão e a norte, Castelo, Vale Pereiro, Saldonha, e para oeste Cerejais e Sendim da Serra.*

Estas terras eram servidas por estradas municipais de terra batida, mas os montes circundantes tinham as estradas principais de acesso a Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros e a Mogadouro, pelo que era espantoso ver (de hora a hora, que o movimento era pouco na década de 60) pequenas luzes dos tremeluzentes faróis amarelados a atravessarem os montes, por entre os relâmpagos que iluminavam o vale. Memorável. Essas imagens também ficaram para sempre. Há fotografias que não estando em negativo ou em papel, jamais esmorecem na memória.

Da Casa do Alto, no Sendim da Ribeira (das primas do Azinhoso), guardava memórias assustadoras e só a voltei a ver em 2003. Era de lá onde se ia à missa e se *dormia* quando eram precisos mantimentos na Quinta e era tarde para regressar. Lembrava-me (e nunca me esqueci), as trovoadas fortes em pleno verão durante as quais nos metíamos debaixo da cama, embrulhados em cobertores de papa, *cheios de medo*, a rezar a Santa Bárbara a pedir que a trovoadas passasse. Muitas eram trovoadas secas, as mais perigosas, e a casa era o ponto mais alto da aldeia. O ribombar dos trovões ecoava como um temível castigo divino por sobre a cabeça dos pecadores. Por outro lado, a natureza recompensava-nos *à noite*, quando a trovoadas estava longe. Valia a pena ver os raios a caírem a toda a volta do fértil vale. Ali, era um espanto *vê-las* mais ao longe, mal se ouvindo o ribombar dos trovões. Indescrevível lembrança que guardo com olhos adolescentes. Hoje ainda tremo nas trovoadas secas e recuperei no espólio da Eucísia cobertores de papa para emergências, mas não rezo à Santa (embora me tivesse apaixonado por uma inglesa Barbara, em Sydney, que de santa nada tinha), Foi na Casa do Alto que me estreei nas “lides artísticas” convidando jovens da aldeia para me ouvirem recitar e cantar do cimo das escadas, à espera que me aplaudissem. Era o grande entretenimento numa terra onde a palavra era quiçá desconhecida. Há anos encontrei esquecido no meio dum livro, um pedaço de papel com os nomes das melodias que entoava. O cantor era fraco, mas houve quem se recordasse dessas sessões (a minha Tia-avó Berta, falecida em 2002 com 95 anos).

Na década de 1960 instalaram PBX, sistema elaborado de cavilhas com doze extensões. Os tios-avós no Sendim da Ribeira com os primos (dois deles vim a reencontrar décadas mais tarde, nos Açores onde se radicaram em 1960 e em 1975) tinham uma venda ou loja na qual estava instalado

o Posto da Anglo-Portuguesa de Telecomunicações ou ATP [(1968) TLP (Telefones de Lisboa e Porto) 1994 PT Comunicações, atual ALTICE)]. O Posto Telefónico ATP 137 (uma mistura dos modelos mostrados, nem tão antigo como um nem tão moderno como outro) era o único contacto com a civilização. As aldeias, tantas vezes isoladas nos nevões de inverno, avessas a mudança ou modernice não acolhiam bem o telefone e daí só haver meia dúzia de linhas, em toda a zona do Sendim da Ribeira. O saudoso PBX era de cavilhas que tinham que se colocar na ranhura. Quando uma chamada entrava, a tampinha caía e enfiava as cavilhas de dois fios nas ranhuras cujas tampas tinham caído. Depois, havia uns auscultadores de baquelite preta, pesados, com microfone através dos quais se perguntava a quem telefonava para onde queria ligar. Para um jovem, era um entretenimento delicioso, esta comunicação e saber o que se passava, ao mesmo tempo que permitia contactar “virtualmente” com meia dúzia de pessoas que habitavam nas redondezas e transmitir mensagens, notícias e avisos numa era em que os rádios mais potentes captavam bem as emissões espanholas e mal as portuguesas, quando a TV não chegara, e a luz elétrica era uma miragem de cidades e vilas.



Posto ATP



Igreja Sendim da Ribeira

A TV espanhola chegou décadas antes da portuguesa. Os jornais vinham nos comboios da Linha do Douro e seus ramais, mas não havia carreiras de camionagem para os sítios mais interiores e muito menos para o Sendim da Ribeira que nem estrada tinha. No inverno, muitas vezes, isolado pois o caminho de terra batida ficava intransitável, o mundo podia acabar que só viriam a saber mais tarde. Ainda hoje me apetece viver em sítios assim (por isso vivo na Lomba da Maia, S Migue, Açores). Nunca esqueço o cheiro a carvão e as fagulhas da locomotiva nas muitas viagens que fiz de comboio a Trás-os-Montes. Do Porto ao Tua e depois no ramal em direção a Bragança tínhamos de sair, na base da Serra de Bornes em Grijó (terra do Prof. Adriano Moreira) antes de chegar a Macedo. O troço Mirandela e Bragança foi encerrado definitivamente a 15 dezº 1991. Agora, muitas décadas depois pensam em reativar linhas ferroviárias...

E é esse passado mítico que os modernos governantes me roubaram, violando as memórias da juventude. Jamais lhes perdoarei, cambada de novos-ricos, ignorantes e alarves. Juntamo-nos para salvar a linha do Tua, única no mundo mas perdemos. Foi o nosso património que dilapidaram (PS: de nada serviram os abaixo-assinados, petições, filmes, idas à Assembleia da República). A voragem capitalista da EDP e das barragens tudo soterraram.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713